

Negociação não pára

O presidente do Banco Central e negociador oficial da dívida externa, Fernando Milliet de Oliveira, desembarcou ontem em São Paulo e despacha, na próxima segunda-feira, em Brasília. De acordo com sua assessoria, ele retorna a Nova Iorque possivelmente nessa mesma segunda-feira, para continuar a discutir com o comitê dos credores, os pontos ainda pendentes no acordo de médio prazo. O diretor da dívida externa do BC, Antônio de Pádua Seixas, que tem permanecido mais tempo no contato direto com os banqueiros, também voltou ao Brasil e deve passar alguns dias com a família.

O retorno de Milliet aos Estados Unidos é justificado, diante das perspectivas do Governo brasileiro de que a minuta do acordo possa ficar pronta pelo menos até o final de março, a fim de que a maioria dos bancos credores privados possa referendá-lo. Somente após a aprovação formal da maioria dos bancos — em torno de 99 por cento de um total de 700 instituições financeiras internacionais — é que começam a ser liberados os novos recursos previstos no acordo do total de US\$ 5,8 bilhões já confirmados, o País deverá receber em novos créditos US\$ 2,8 bilhões (US\$ 3 bilhões são do empréstimo ponte

de dezembro passado).

Esse processo de assinatura do acordo pelos bancos, coordenado pelo comitê dos credores, normalmente leva tempo e quanto mais cedo Milliet chegar a um entendimento sobre os pontos principais da minuta, melhor para o Brasil, como tem destacado o ministro da Fazenda, Mafonso da Nóbrega. Segundo o ministro, as expectativas são de que o sim da maioria dos bancos ocorra até junho próximo, para a entrada efetiva dos novos créditos a partir dessa data. Mas o próprio ministro lembrou que por ocasião do acordo fechado pelo México no ano passado, por exemplo, os bancos levaram oito meses para assiná-lo.

Além do montante a ser refinanciado pelos bancos, o novo spread (taxa de risco) de 0,8125 por cento e os prazos — 20 anos com cinco de carência — para reestacionamento da dívida de médio e longo prazo, falta decidir ainda a aplicação do novo spread para o programa de pagamentos, por exemplo, que os banqueiros chamam de carve-out.

A dívida de médio e longo prazos é estimada em torno de US\$ 68 bilhões, mas o diretor da área externa do BC, Carlos Eduardo de Freitas, que controla os registros da dívida, informou que esse valor está sendo reestimado.